

The background features a complex, abstract composition of overlapping organic shapes in various shades of green and purple. A large, light purple circle is the central focus, with the word 'ATOS' written across it. Other shapes include bright green curved bands, a dark green rectangle in the top left, and various shades of light green filling the remaining space.

ATOS

ÉVORA

Laboratório Entre Nós

15 set a 14 dez
Colégio dos Leões

LISBOA

Formação Criação de Projetos Artísticos Participativos

13 out a 16 dez
Fundação Calouste
Gulbenkian
e Tobis Portuguesa

FUNCHAL

Fórum ATOS

14 out
Salão Nobre do Teatro
Municipal Baltazar Dias

Cartografia Sensorial Urbana

20 nov
local a anunciar

Poesia da Ilha pelo buraco da agulha

21 nov
local a anunciar

Trabalho de Campo #1 Identidade

22 nov
Largo da Igreja do Monte

College Culture Corner

25 nov
Colégio dos Jesuítas do
Funchal

MORAL em movimento

29 nov
Bairro das Romeiras

GESTO + MADEIRA + PERTENCER

30 nov
Sede ASPFAM
Santo António

Uma iniciativa

SÃO JOÃO DA MADEIRA

Fórum Atos

22 out
Casa da Criatividade

Ouça-se

8 nov
Rua do Orreiro

O que é o tacho?

22 nov
Espaço Vida

Ponto de Vista(s)

26 nov
Viarco

Cruzamentos

5 dez
Local a anunciar

Sons do Desassossego | EP. 0

13 dez
Sala Ecos Urbanos,
Oliva Creative Factory

LAMEGO

Fórum ATOS

25 out
Associação de Municípios
do Douro Sul

Gambiarra

8 nov
Largo do Chafariz,
Bairro da Ponte

Casa do Cinema

8 nov
Aldeia de São João

Onde a cidade pára, a Natureza cresce

15 nov
Av. Dr. Alfredo Sousa
(paragem de autocarros
do Multiusos)

Cidade Sonora

28 nov
Residências Artísticas
da Casa do Artista

Matéria Incomum

29 nov
Parque Urbano
(zona do pump track)

AGRUPA

29 nov
Centro Cívico de Lamego

Entre Peles

30 nov
Café Concerto do Teatro
Ribeiro Conceição

LOULÉ

Fórum ATOS

29 out
Palácio Gama Lobo

àmonstra

2 nov
Queda do Vigário, Alte

Laboratório da Terra

2 nov
Alte, local a anunciar

Lojas de Rua

3 nov
Rua 5 de Outubro

Ponto a Ponto

8 nov
Fundação Manuel
Viegas Guerreiro

Aldeia-Também

29 nov
Festival Contrapeso,
Máquina de Cena

Lugar para toda a gente

6 dez
Local a anunciar

És o dono do oxigénio, quanto cobras por um minuto de ar?

6 dez
Solar da Música Nova

| | | | |
|---|-----------|---|-----------|
| O que é o ATOS? | 3 | LAMEGO | 28 |
| Uma rede de pessoas, lugares e futuros possíveis | 4 | Concordar em discordar | 29 |
| ATOS – um exercício em permanente evolução | | Lamego e o programa ATOS 2025 | 30 |
| | 5 | Microprojetos | |
| | | Gambiarras | 31 |
| | | Casa do Cinema | 32 |
| | 6 | Onde a cidade pára, a Natureza cresce | 33 |
| | 7 | Cidade Sonora | 34 |
| | 8 | Matéria Incomum | 35 |
| | | AGRUPA | 36 |
| | | Entre Peles | 37 |
| | | Fórum ATOS | 38 |
| | 9 | | |
| | 10 | FUNCHAL | 40 |
| | 11 | | |
| | 12 | Todas diferentes, mas livres | 41 |
| | 13 | | |
| | 14 | ATOS no Funchal | 42 |
| | 15 | Microprojetos | |
| | | Cartografia Sensorial Urbana | 43 |
| | | Poesia da Ilha pelo buraco da agulha | 44 |
| | 16 | Trabalho de Campo #1 Identidade | 45 |
| | | College Culture Corner | 46 |
| | 18 | MORAL em movimento | 47 |
| | 19 | GESTO + MADEIRA + PERTENCER | 48 |
| | 20 | Fórum ATOS | 49 |
| | 21 | PONTA DELGADA | 50 |
| | 22 | Entrevista Discos de Platão e Teatro Micaelense | 51 |
| | 23 | | |
| | 24 | | |
| | 25 | ÉVORA | 56 |
| | 26 | Laboratório Entre Nós | 57 |
| | | Entrevista ondamarela e _ARTERIA_LAB | 58 |
| | | | |
| | | LISBOA | 62 |
| | | Formação Criação de Projetos Artísticos Participativos | 63 |
| | | | |
| | | Parceiros | 64 |
| | | Quem somos | 66 |

Em parceria com





O que é o ATOS?

ATO 1

O ano é 2023. O Teatro Nacional D. Maria II e a Fundação Calouste Gulbenkian criam o ATOS, um programa de abrangência nacional que tem como objetivo a capacitação e a produção de conhecimento sobre práticas culturais e artísticas de participação. A iniciativa visa também o envolvimento cívico e artístico das comunidades, ampliar o alcance e impacto das iniciativas democráticas de cultura, promover políticas culturais sustentáveis e estabelecer outras centralidades culturais e artísticas.

Foi com este desígnio que o programa percorreu continente e ilhas com 43 projetos artísticos participativos de breve duração, coordenados por 16 estruturas artísticas. Foi também em 2023 que o Teatro Nacional D. Maria II partiu numa Odisseia Nacional, nome dado ao seu extenso programa fora de portas. Criado inicialmente para solucionar o constrangimento de uma casa fechada para obras, rapidamente se tornou o elemento catalisador de uma transformação nacional que não parou naquele ano de exceção.

ATO 2

A experiência de 2023 tornou evidente a urgência de continuar, de permanecer, de estar. Assim, em 2024, o ATOS manteve a sua presença em todas as regiões do país, desenvolvendo seis projetos participativos que prolongaram no tempo a estada das equipas em cada município parceiro. Neste segundo ato, o projeto ganhou tempo e espaço — coordenadas essenciais para instaurar a ação —, alargando-se a novos formatos, como fóruns, formações e uma conferência sobre democracia cultural e práticas artísticas participativas. Procurou-se ainda criar memória para o futuro com o lançamento do vídeo-ensaio *Alcanço* e da publicação *ATOS – Arte, participação e território*.

ATO 3

Chegados ao terceiro ato, o desejo é de que este gesto não termine. Em 2025, o ATOS continua a estar presente em todo o país com novas ações destinadas a envolver as comunidades, a promover a participação através das práticas artísticas e a reforçar as dimensões reflexiva e formativa. Do macro para o micro — e para o macro outra vez. Este ano, o programa procura capacitar 25 microprojetos locais, selecionados por convocatória aberta em cada um dos municípios parceiros. Desenvolvidos em colaboração com mentores que trabalham na área das práticas artísticas participativas, estes microprojetos tornar-se-ão, até ao final do ano, um novo ato no tecido cultural da sua região.

Uma rede de pessoas, lugares e futuros possíveis

Durante três anos, artistas, estruturas culturais, autarquias e comunidades encontram-se para criar, experimentar, partilhar. O ATOS é este gesto contínuo de encontro: entre modos de fazer diferentes, entre tempos distintos, entre o que imaginamos e o que o território nos devolve.

De Loulé ao Funchal, de São João da Madeira a Ponta Delgada, de Évora a Lamego, somos recebidos por cidades que não são apenas destinos — são lugares de escuta. Cada município parceiro não é uma paragem, é uma casa que abrimos em conjunto. O que aqui se faz nasce de relações que se cultivam com tempo, atenção e confiança. O ATOS não passa: fica.

Este programa não tem um centro. Ou melhor: tem muitos. Está no diálogo entre artistas e habitantes, nas oficinas com estudantes e trabalhadores, nos fóruns em que se amplificam vozes e responsabilidades, nas palavras que se trocam à saída de uma apresentação. Está também nas relações que se aprofundam com as estruturas locais, com o património e a paisagem, com os equipamentos municipais e com quem neles trabalha, com artistas, técnicos, programadores, mediadores — todos eles motores desta rede viva e horizontal.

Com a cumplicidade fundamental da Fundação Calouste Gulbenkian e das câmaras municipais participantes, o ATOS tem sido uma travessia partilhada. Mas é mais do que um projeto entre instituições: é uma prática de fazer país. Um país onde a cultura pública não se concentra, mas se espalha. Onde os palcos se multiplicam e onde o teatro se faz com e para quem está, sem pedir licença para pertencer. Esta ideia de acesso partilhado, de criação enraizada e de escuta mútua é também uma prática de democracia cultural — aquela que se constrói não só com mais presença, mas com mais equidade e mais envolvimento direto das populações.

Nesta edição, trabalhamos com seis municípios parceiros distribuídos por outras tantas regiões, programando espetáculos, laboratórios, fóruns e residências, que integram um exercício coletivo de construção cultural. Apoiamos 25 projetos independentes, alimentando um tecido artístico que se quer cada vez mais forte, plural e sustentável. A autonomia local é um horizonte: desejamos que cada criação possa abrir caminho a novas práticas, novos centros, novos futuros.

Este caderno é, por isso, mais do que uma apresentação da programação. É um mapa afetivo, um diário de bordo, um convite à partilha. Documenta um presente em movimento — e desenha, com todos os que o atravessam, a possibilidade de um teatro feito de um modo verdadeiramente nacional: plural, implicado, generoso e democrático.

ATOS – um exercício em permanente evolução

O percurso que iniciámos em 2023, em parceria com o Teatro Nacional D. Maria II e diversos parceiros municipais de todas as regiões do país, continua a instigar-nos a ouvir, questionar e provocar novas formas de participação e envolvimento cívico, fundamentais para criar as dinâmicas culturais de cada território.

Este tem sido o caminho do ATOS: escuta, partilha, trabalho em parceria e construção de redes, como contributo para o fortalecimento da sociedade civil enquanto dinamizadora da democracia cultural.

O ano de 2025 é marcado por uma maior proximidade e entrosamento com o tecido cultural de cada região em que o ATOS acontece, guiados por uma pergunta chave, dirigida aos criadores e às comunidades — Que projetos culturais consideram importantes e necessários para a sua região?

A iniciativa procura dar seguimento às respostas recebidas para esta pergunta, através de um programa de mentoria e capacitação com o objetivo de apoiar o desenvolvimento de projetos culturais participativos, pensados e implementados pela sociedade civil.

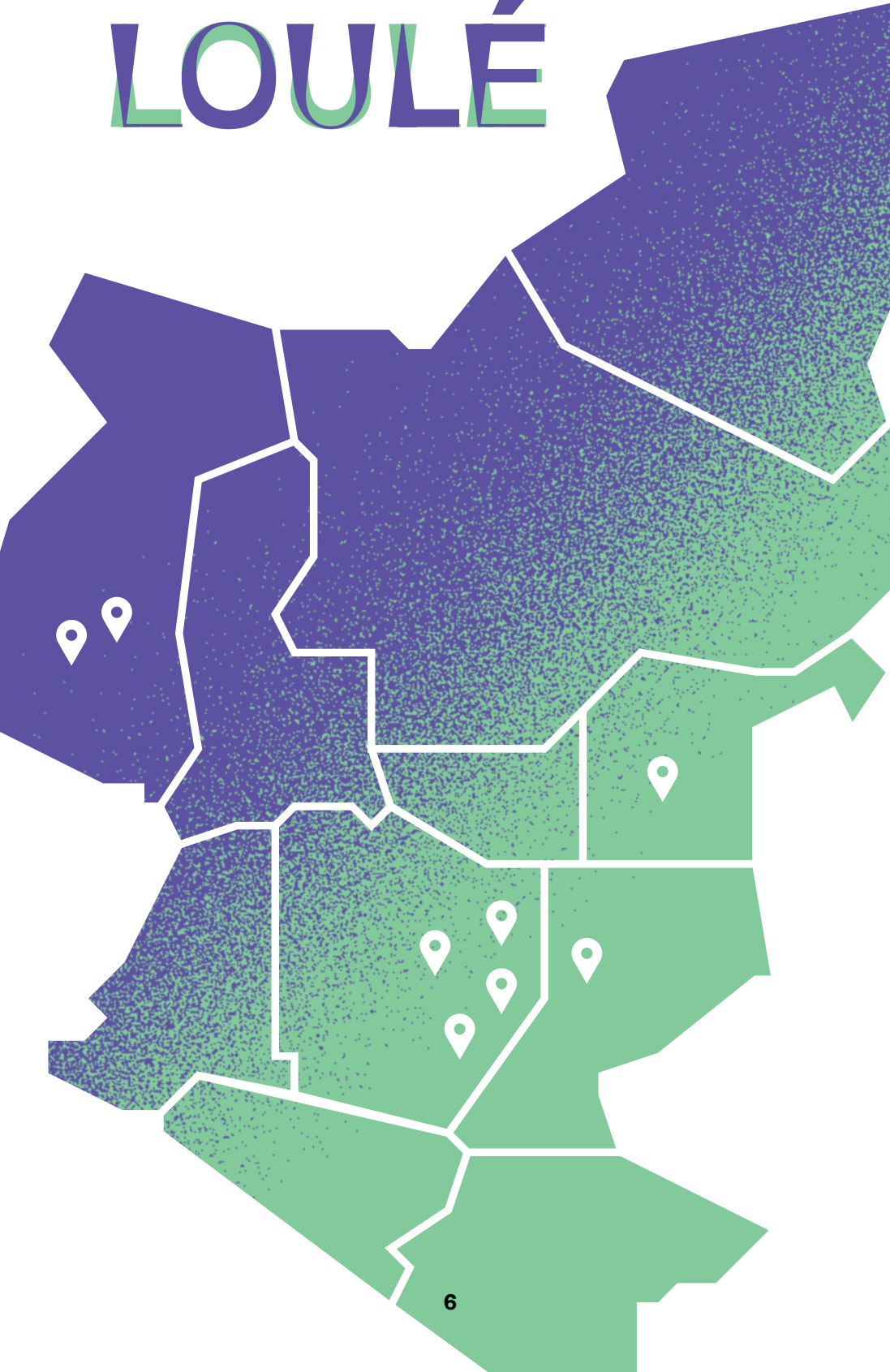
Paralelamente, o Fórum Atos, dedicado ao pensamento e debate sobre participação e democracia cultural, alarga este ano a sua rede, propondo não só colocar em diálogo diferentes agentes culturais de cada território, mas também estabelecer pontes com agentes de outras regiões onde o ATOS decorre.

O ATOS é o resultado de um conjunto de pequenos atos encadeados, interdependentes e mutuamente sustentados, desenvolvidos por um número alargado de atores comprometidos com este percurso. O nosso mais sincero reconhecimento e agradecimento a cada pessoa que participa nas atividades deste programa: aos mentores, formadores e estruturas artísticas, às equipas dos Municípios e parceiros locais em cada uma das seis regiões, e à equipa do Teatro Nacional D. Maria II, que continua, connosco, a imaginar mais democracia cultural e maior pluralidade na expressão criativa das comunidades.

O direito à participação cultural por todos e para todos, mais do que um princípio com o qual concordamos, tem de ser uma prática incorporada no nosso trabalho. O ATOS tem sido uma oportunidade única para melhor perceber como traduzir este princípio numa prática regular — um exercício sempre inacabado, imperfeito e em evolução.

Fundação Calouste Gulbenkian

LOULÉ



Mundivisões

O grupo de Loulé prima pela diversidade: de experiências, mundivisões, ideias, áreas de interesse e trabalho, e de relação com a cidade e com o lugar. Os mentores António Pedro Lopes e Patrícia Craveiro Lopes salientam a riqueza da sala, sentido de solidariedade e a capacidade de apoiar criticamente as propostas de cada participante. É da responsabilidade da mentoria ajudar a fazer a passagem das ideias aos projetos, refinando em cada um dos casos as suas várias dimensões através da transmissão de ferramentas de pensamento, gestão e execução, e encontrando no próprio grupo uma comunidade temporária de apoio.

Para criar comunidade é necessário chegar a entendimentos comuns, fazer perguntas. O que são práticas artísticas participativas? O que as distingue de outros projetos artísticos e culturais? Como transformar práticas artísticas participativas em práticas comunitárias e sustentáveis? Como se faz o convite e se desenha um processo de participação para que as comunidades sintam que o seu envolvimento vale a pena, é consequente e faz a diferença? Como transmitimos a cada participante o espírito de experimentação e inovação que leve à vontade de arriscar outros modos de fazer?

Os mentores desejam que este grupo reúna ferramentas e competências críticas e práticas para o bom desenvolvimento dos seus ATOS, e que, nesse processo, se sintam parte de um ecossistema humano e criativo rico, complexo e diverso onde se possa construir um lugar de encontro, conversa e intercâmbio.

Texto redigido a partir de entrevista com

António Pedro Lopes e Patrícia Craveiro Lopes, mentores do ATOS em Loulé



ATOS Loulé: um projeto que brilha no meio de nós!

O Cineteatro Louletano tem feito um caminho aturado, cuidado, tranquilo e, ao mesmo tempo, inquieto, (in)seguro e de escuta e atenção ao trabalho das artes performativas e do pensamento, assim como à participação dos públicos, convidando-os a saltar para o lugar do outro, do artista, do programador, do técnico... Sempre com o objetivo de transformar, de potenciar uma cidadania forte, exigente e desafiadora e, em simultâneo, de criar condições para a existência de um ecossistema criativo e artístico forte no território.

Este é um processo em *continuum*, desafiante, por vezes de grande incerteza, mas que se fortalece quando se criam redes e parcerias (a)efetivas para devolver ao nosso território e aos seus criadores e públicos a ousadia do fazer com, e a necessidade de qualificar e de promover novos modos de olhar.

Assim, esta parceria com o ATOS surge como «uma pequena luz bruxuleante/ brilhando incerta mas brilhando/ aqui no meio de nós». Convoco as palavras de Jorge de Sena para reforçar a ideia do modo de ser e fazer ATOS que nos permite estar, participar, pensar, construir em conjunto, envolver e devolver, criar empatias e (des)continuidades, criar relação, sair da zona de conforto, olhar de forma diferente para aquilo que estava ali, mas que não tinha sido explorado.

Loulé, na última década, fortificou o seu trabalho na área da Cultura, trabalhou em conjunto com as estruturas artísticas e criou um mapa cultural e artístico no território, dando especial atenção às ligações entre artistas residentes e não residentes, à criação, à educação para (e com) as Artes e aos projetos colaborativos e/ou participativos. Na sua segunda edição em Loulé, o ATOS veio proporcionar o trabalho a uma escala de proximidade, de atenção ao território e às suas especificidades, a microprojetos que valorizam o lugar, à pluralidade de olhares, criando uma rede futura de criações e desafios que nos permitiram a continuidade que queremos dar, também, a este ATOS.

Estes processos no meio de nós são fundamentais na estratégia municipal de cultura; tal como continuámos o ATOS de 2024, com o *Espetador Emancipado*, a aprendizagem deste ATOS vai estar na nossa retina para continuar a desafiar os criadores para, a partir da Arte, resistir e criar humanidade, para que possamos legar um mundo mais livre e justo. Obrigada, ATOS, pelo desafio e por ir ao encontro daquilo que queremos para o nosso fazer diário!

Dália Paulo

Direção Artística do Cineteatro Louletano

àmonstra

LOULÉ

2 nov
dom, 11h30

Queda do Vigário,
Alte

No curso da Ribeira de Alte, no concelho de Loulé, o “mamarracho” da Queda do Vigário, em estado de deterioração e vandalismo, não serve a população local e a sua presença desafia a relação entre natureza, comunidade e espaço construído. O projeto *àmonstra* busca habitar este espaço público de forma democrática, possibilitando ecossistemas de aprendizagem, cocriação e participação ativa. Convidamos a sociedade civil a refletir e agir neste local.

conversa e piquenique

ideia, criação e mediação
Giovanna Cordennuzzi
Garcia, Tiago M. C.
de Sousa



Laboratório da Terra

2 nov
dom, 15h

Alte,
local a anunciar

Laboratório da Terra é um projeto artístico participativo dirigido aos residentes do interior de Loulé, em Alte e arredores. Promove a integração de cidadãos estrangeiros nas comunidades locais, num ambiente de convívio através de um percurso pela natureza e pelas aldeias, onde se recolhem argilas e outros materiais que serão depois usados pelos participantes como matéria de expressão artística. O projeto tem três fases e servirá como ponte para esta aproximação que culminará numa exposição-conversa.

exposição e conversa

ideia e criação
Nelson Martins

artista colaborador
Bruno Palma

apoio
Junta de Freguesia de
Alte, Grupo Desportivo
Serrano, União de
Freguesias Querença,
Tôr e Benafim



Lojas de Rua

LOULÉ

3 nov
seg, 18h

Rua 5 de Outubro

Lojas da Rua é um projeto cultural participativo que lida com os afetos do comércio tradicional da Rua das Lojas de Loulé. A partir das recordações de criança de Miguel Ponte, enquanto neto dos proprietários da Boutique Infantil Graciete Saraiva, dá-se um encontro de partilha das histórias das lojas, pela voz dos lojistas e a partir dos seus relatos. Lojistas e público em geral revivem as biografias desse(s) lugar(es), nutrindo essas memórias e, talvez mais importante, criando novas.

**percurso performativo
participativo**

conceção, execução,
orientação e textos
**Miguel Ponte, com os
contributos e a partici-
pação da comunidade
de lojistas veteranos da
Rua das Lojas de Loulé**

produção
**Miguel Ponte,
Bestiário**

agradecimentos
**Cinetatro Louletano,
Junta de Freguesia de
São Sebastião, Graciete
Saraiva, Carlos Saraiva**



Ponto a Ponto

8 nov
sáb, 16h

Fundação Manuel
Viegas Guerreiro

Mantas de lã em croché e estórias encontram-se em Querença, no Algarve. Na Fundação Manuel Viegas Guerreiro, facilita-se o convívio pelas artes a pessoas de todas as idades e origens. Desperta-se a curiosidade pelo património cultural e imaterial da aldeia. Transfere-se para um par de mantas o pensamento transdisciplinar, criativo e integrador, e dois ismos do antropólogo Manuel Viegas Guerreiro: humanismo e multiculturalismo. A partir de setembro, rosetas pontuam a aldeia, que se reúne em novembro à volta de fios cruzados e linhas humanas.

**criação coletiva
e conversa**

ideia e criação
Fundação Manuel
Viegas Guerreiro

mediação e produção
Ana Poeta

comunicação
Marinela Malveiro



Aldeia-Também

LOULÉ

29 nov
sáb, 9h45

Festival Contrapeso,
Máquina de Cena

Quantas mães tem uma criança? Pai também, avó também, vizinha também, senhora do café também. *Aldeia-Também* é uma iniciativa de práticas artísticas participativas dirigida a todas as idades, nas áreas da dança, música e artes plásticas. Deriva do projeto Artista-Mãe, uma investigação que questiona as relações entre maternidade, patriarcado e capitalismo. Serão encontros práticos e de reflexão onde se irá imaginar e criar em conjunto. Esta aldeia convida todas as pessoas que participam no desenvolvimento de uma criança a idealizar um espaço-descoberta.

encontro prático
e de reflexão

ideia e criação
AORCA

comunicação
Marta Santana Gonçalves

direção e coordenação
Sara Martins, Sofia Brito

facilitadores e oradores
a anunciar

direção de produção
Nela Tavares

parceria
Máquina de Cena, Alfaia,
corpodehoje, Vitorino
Pianos, NovaTerra/
NTSocial, Biblioteca
Municipal de Loulé -
Sophia de Mello Breyner
Andresen, Centro
Cultural de Lagos

produção executiva
Nelson Fernandes



Lugar para toda a gente

6 dez

sáb, horário a anunciar

local a anunciar

Este projeto promove a acessibilidade e a participação cultural de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida em Loulé, partindo da realidade da sede da Casa da Cultura de Loulé (CCL) — um primeiro andar sem elevador. *Lugar para toda a gente* divide-se em três fases: mapeamento da comunidade e das suas experiências culturais; oficinas lideradas por pessoas com vivências semelhantes; intervenção artística cocriada com os participantes no triângulo urbano entre os espaços CCL, Folha de Medronho e Máquina de Cena, valorizando a experiência de quem fica à margem.

percurso

Mais informações
e inscrições em tndm.pt

ideia
Rui Raposo

cocriação
Ruben Guerreiro,
Rui Raposo
e participantes

apoio
Casa da Cultura
de Loulé, Folha de
Medronho, Máquina
de cena

oficinas
Mia Meneses



És o dono do oxigénio, quanto cobras por um minuto de ar?

LOULÉ

6 dez
sáb, 17h

Solar da Música Nova

A partir desta provocação, nasce um laboratório de artes performativas com a participação de 10 jovens (15-18 anos), em Loulé. Através da performance, do som, do cinema e da palavra, o grupo mergulha numa reflexão coletiva sobre poder, capitalismo e colapso climático. O processo culmina numa performance documental e participativa, integrada na trilogia *Teoria do Pessimismo*, de Marlene Barreto.

performance
documental

ideia
Marlene Barreto /
associação cultural
Mescia

cocriação artística
e execução técnica
Madalena Palmeirim,
Marlene Barreto

projeções e videografia
João Espada

parceria
Casa da Cultura de Loulé,
Mudaki Associação,
Máquina de Cena



O ACESSO É PODER
OU O PODER
É ACESSO?
O QUE ESTARÁ
CERTO DIZER?
NA NATUREZA,
É O LEÃO
O REI DA SELVA
NA HUMANIDADE,
É O HOMEM
QUE SERVE
O HOMEM.

Fórum ATOS

29 out
qua, 18h

Palácio Gama Lobo

Nas sessões exploratórias do ATOS em Loulé (16 e 19 de junho de 2025), foram ouvidas 53 pessoas das mais diversas áreas, em encontros dedicados à importância do papel da sociedade na democracia cultural e ao aprofundamento do pensamento colaborativo. Foi sublinhada a necessidade de, coletivamente, cultivar o cuidado e a colaboração num território amplo, disperso e contrastante, através de uma rede que acolha diferentes necessidades e desejos, corrija desigualdades e fortaleça a participação da sociedade civil.

Assim, o convite à Almargem, associação que se destaca pela atuação multinível e pelo trabalho em rede no Algarve, na área do ambiente, e à CEI, com experiência na implementação de sistemas colaborativos e de liderança partilhada em São João da Madeira, poderá tornar mais concretos possíveis modelos de atuação coletiva e permitir expandir as noções de participação e de cultura além dos conceitos mais consensualizados, em prol de uma cultura colaborativa e de uma ação mais versátil e policentrada.

com

Almargem - Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve, Álvaro Gouveia (CEI)

relato
Martim Santos

curadoria e moderação
Elisabete Paiva

apresentação

Dália Paulo e Elisa Almeida (Cineteatro Louletano), Luís Sousa Ferreira (Teatro Nacional D. Maria II), Narcisa Costa (Fundação Calouste Gulbenkian)

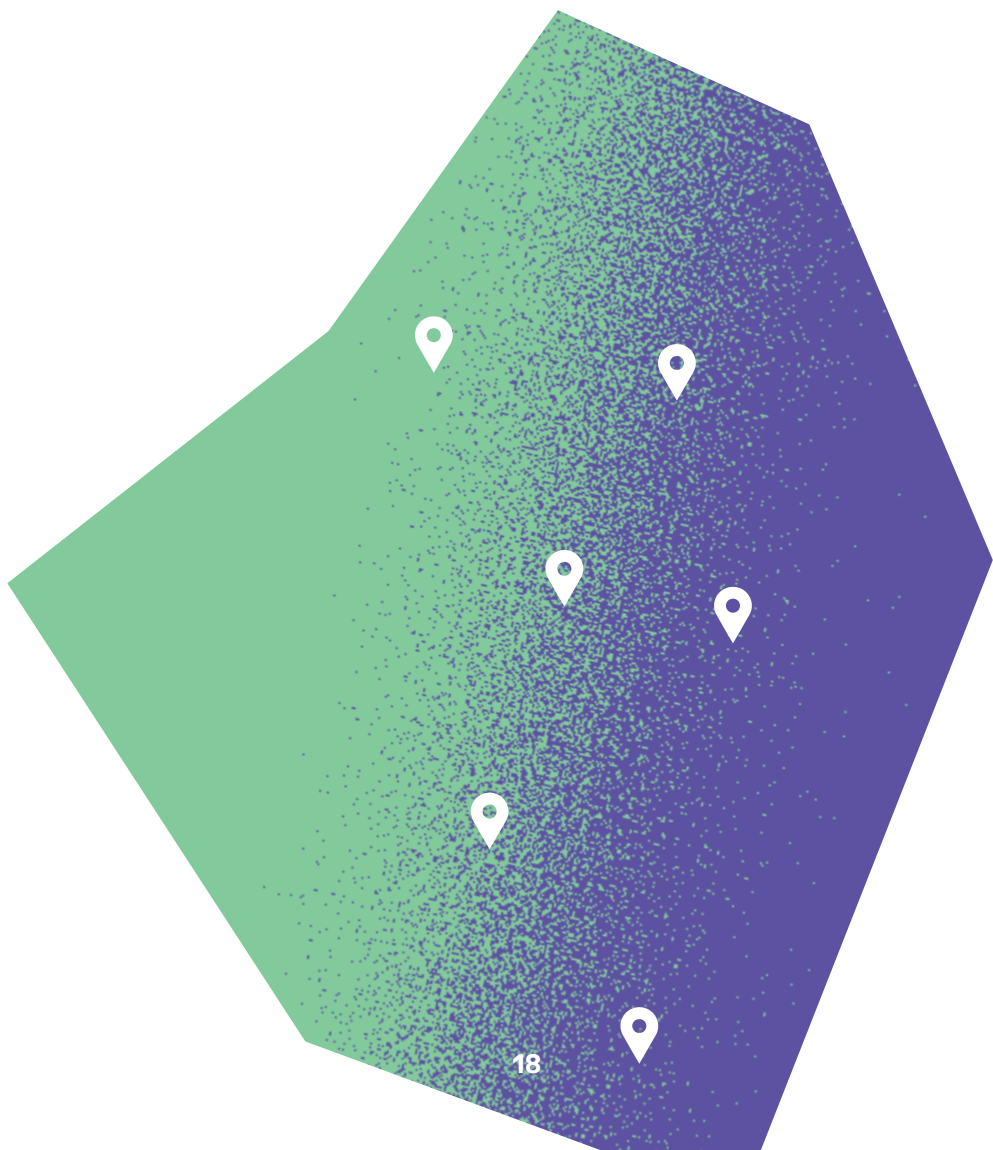
A formação foi ótima porque percebi que existe uma confluência enorme entre aquilo que pensamos e tentamos desenvolver aqui, com uma série de propostas que nos trouxeram, e experiências de outras estruturas artísticas. Foi muito interessante.

Maria João Leite

Participante da formação *Criação de Projetos Artísticos Participativos*, desenvolvida em São João da Madeira, no âmbito do programa ATOS (2024)



SÃO JOÃO DA MADEIRA



Navegar sem bússola

O grupo de participantes do ATOS de São João da Madeira é, segundo as mentoras do coletivo artístico Burilar, Lara Soares e Sandra Barros, um céu de nuvens onde se navega sem bússola. Chegam de diferentes lugares, tendo percorrido diferentes caminhos. Há as nuvens mais leves e claras, mas uma ou outra que aparenta estar mais carregada. Talvez venha com bagagem em excesso. Há as que querem mapear, envolver, recolher e devolver. Há as que têm sabores de longe e paladares por descobrir. Há as mais digitais, que cuidam do som que produzem, ecoando por céus mais distantes. Há as que se vestem a rigor pela primeira vez. Há nuvens que cruzam vozes e se querem agrupar. Há a nuvem que tarda em chegar, mas que cedo se adivinha vir acompanhada de trovão. São nuvens jovens, cheias de vitalidade, que se cruzam num céu que agora partilham.

Nestes meses de mentoria, esperam partilhar a sua experiência com o grupo, contribuindo para que estas ideias — ou devemos dizer nuvens? — encontrem o seu caminho para transformar fenómenos atmosféricos em ações concretas.

Aqui, a escuta é pedra de toque. Sem ela, as mentoras não acreditam ser possível desenvolver processos de participação comunitária. O tempo joga a favor para que todas estas pessoas se conheçam, cresçam juntas e se relacionem em diferentes dimensões: enquanto equipas, enquanto parceiros, enquanto rede e como agentes de um território onde se espera que as suas ideias deixem lastro.

Texto redigido a partir de entrevista com
coletivo Burilar, mentores do ATOS em São João da Madeira



O ATOS em São João da Madeira

A Odisseia Nacional foi um abrir de portas a um conjunto de caminhos, mas, acima de tudo, foi um lugar de reflexões. A proposta de continuidade do programa ATOS em São João da Madeira foi muito bem recebida pelo município, que já tem como premissa ativa a Democracia Cultural.

A Casa da Criatividade tem procurado implantar-se na rede nacional e afirmar-se de forma destacada a nível regional. Este foco prende-se com uma missão de aproximação à comunidade e às estruturas locais, articulando pensamento e ação de forma alinhada com estes propósitos. O trabalho de cocriação comunitária e a lógica de participação já eram parte integrante dos planos de atividades, pelo que o programa ATOS foi um reforço preponderante. A chancela do Teatro Nacional D. Maria II e da Fundação Calouste Gulbenkian, com as suas experientes equipas de trabalho, ampliou campos de ação, multiplicou possibilidades, diversificou metodologias, e, igualmente importante, validou este que é um compromisso da Cultura.

Fruto deste périplo, foram criadas redes entre municípios, estruturas artísticas, associações/entidades locais e *freelancers* espontâneos. A expectativa é a de que esta rede, que já se vê estruturada, se mantenha, se efetive e solidifique com futuros planos, projetos e colaborações. A concretização destes microprojetos materializa a autonomização, a criação informal e livre, mas também a importância e a responsabilidade de proporcionar formação e mentoria. Estas janelas de oportunidade adubam um terreno que se pretende fértil, abrindo novas rotas quer para aqueles que têm ideias para transformar, quer para aqueles que, não as tendo, entendam que há um trilho com possibilidades e suporte.

Por todas estas razões, algumas mais mensuráveis que outras, mas sobretudo pelo espaço de pensamento e criação que aqui foi possível fazer acontecer, e pelos improváveis laços e ideias estabelecidos, faz sentido insistir, instigar e envolver as pessoas, todas, criando mecanismos de aproximação para a criação conjunta ser uma realidade.

Gisela Borges

Programadora da Casa da Criatividade

Ouçá-se

SÃO JOÃO DA MADEIRA

8 nov
sáb, 14h

Rua A do Orreiro

Ouve o bairro. Assim como um espelho que reflete uma imagem, o som reflete a vivência de um lugar. *Ouçá-se* procura escutar através dos ouvidos adormecidos dos moradores do Bairro do Orreiro os sons que caracterizam as vivências deste lugar. Das conversas de café aos contentores de lixo, das brincadeiras de crianças à vida animal, dos sons motorizados à Capoeira, *Ouçá-se* é uma experiência imersiva do bairro multicultural do Orreiro.

percurso sonoro

ideia, criação e edição
Artur Perestrello

webdesigner
Jorge Martins



O que é o tacho?

22 nov
sáb, 18h

Espaço Vida

Cozinhar pode ser um dos primeiros territórios de resistência e afirmação cultural, uma forma de reclamar lugar e partilhar identidades. *O que é o tacho?* parte do encontro com famílias migrantes — um tempo e um lugar onde se cruzam histórias, memórias, afetos e, claro, receitas. A cozinha torna-se espaço de escuta, pertença e criação, originando um arquivo coletivo partilhado com a restante comunidade sanjoanense, celebrando a diversidade.

**exposição, convívio
e partilha gastronómica**

ideia e criação
Mariana Salgueiro Rocha,
Miguel Almeida

ilustração
Sofia Neto

apoio
Viarco, Olmar, Pingo
Doce São João da
Madeira – Casaldelo,
Espaço Orreiro, Espaço
Vida – Habitar S. João

com a participação
comunidade sanjoanense



Ponto de Vista(s)

SÃO JOÃO DA MADEIRA

26 nov
qua, 18h

Viarco

Cada pessoa tem um ponto de vista próprio sobre os desafios da sociedade. A junção de vários pontos de vista contribui para uma visão coletiva e partilhada. É este o mote do microprojeto *Ponto de Vista(s)*. Percorrer lugares inusitados de São João da Madeira com leituras de textos dramáticos. Conversar sobre os textos e refletir sobre as temáticas em causa. Em cada lugar, há sempre gente que fica e gente que chega. Não se sabe exatamente qual o ponto de chegada. O que se sabe é que a viagem já se transformou num ponto de encontro.

leitura partilhada

ideia, criação e produção
Cátia Cardoso, Daniela
Silva, Maria João Leite /
Coletivo Artístico Ponto!

apoio
Associação Mais Orreiro,
Biblioteca de Fundo de
Vila, Habitar S. João,
Junta de Freguesia de
São João da Madeira,
Associação de Jovens
Ecos Urbanos, Viarco



Cruzamentos

5 dez

sex, horário a anunciar

local a anunciar

Cruzamentos promove encontros improváveis entre pessoas de São João da Madeira com diferentes idades, histórias e geografias, que se cruzam diariamente na cidade, mas ainda não tiveram oportunidade de estabelecer relações. Pretende criar um “3.º espaço” de partilha e reflexão, fora das instituições formais, focado na comunidade, desierarquização e coletivismo. Através de fóruns com núcleos locais focalizados, será criada uma programação aberta, gratuita e participativa, voltada para a experimentação artística, partilha e descoberta em grupo.

**a definir
com a comunidade**

ideia, criação e produção
**Santiago Mateus,
Sofia Soares**

fotografia
Matheus Bretas

design gráfico
Beatriz Kerrigan

apoio e parceria
Ecos Urbanos



Sons do Desassossego | EP. 0

SÃO JOÃO DA MADEIRA

13 dez
sáb, 17h

Sala Ecos Urbanos,
Oliva Creative Factory

O Sons do Desassossego sai fora de portas pela primeira vez! Este projeto, que une a moda e a música através da expressão de artistas emergentes, começou pelo interesse comum de um grupo de amigos — a criação audiovisual. E foi por essa razão que se lançaram na criação de episódios gravados no estúdio da marca ZALDA. Agora, apresentam um episódio especial — um documentário que conta a história do projeto, dá finalmente a conhecer a equipa por detrás das câmaras, revela o antes e o depois, o presente, mas sobretudo o futuro que desejam para este projeto de divulgação da cultura local.

apresentação
de documentário
e conversa

produção
Coletivo Desassossego,
ZALDA

edição
Mariana Duarte, ZALDA

som
Hugo Machado,
João Matos

assistência de produção
Afonso Castro,
Mateus Pereira,
Sofia Paiva

vídeo
Mariana Duarte

fotografia
Inês Leal,
Mariana Duarte



Fórum ATOS

22 out
qua, 18h

Casa da Criatividade

Nas sessões exploratórias do ATOS em São João da Madeira (26 e 28 de junho de 2025), foram ouvidas 39 pessoas das mais diversas áreas, em encontros dedicados à importância do papel da sociedade na democracia cultural e ao aprofundamento do pensamento colaborativo. Salientou-se a importância da escuta, do encontro e da colaboração, para gerar uma rede de trabalho mais articulada e participada para pessoas e organizações, num contexto de grande densidade.

O convite à associação **Mente Movimento**, que atua em São João da Madeira na área da saúde mental, e a **Joaquim Sarmento**, que em Loulé se dedica à associação **Os Barões**, pretende valorizar o sentido coletivo, o trabalho em escalas de proximidade, e sinalizar metodologias de colaboração e participação em prol de uma comunidade mais coesa e inclusiva.

com
Cristina Ratanji
(**Mente Movimento**),
Joaquim Sarmento
(**Os Barões**)

relato
Sofia Neto

curadoria e moderação
Elisabete Paiva

apresentação
Gisela Borges e Joana Galhano (Casa da Criatividade), **Luís Sousa Ferreira** (Teatro Nacional D. Maria II), **Narcisa Costa** (Fundação Calouste Gulbenkian)

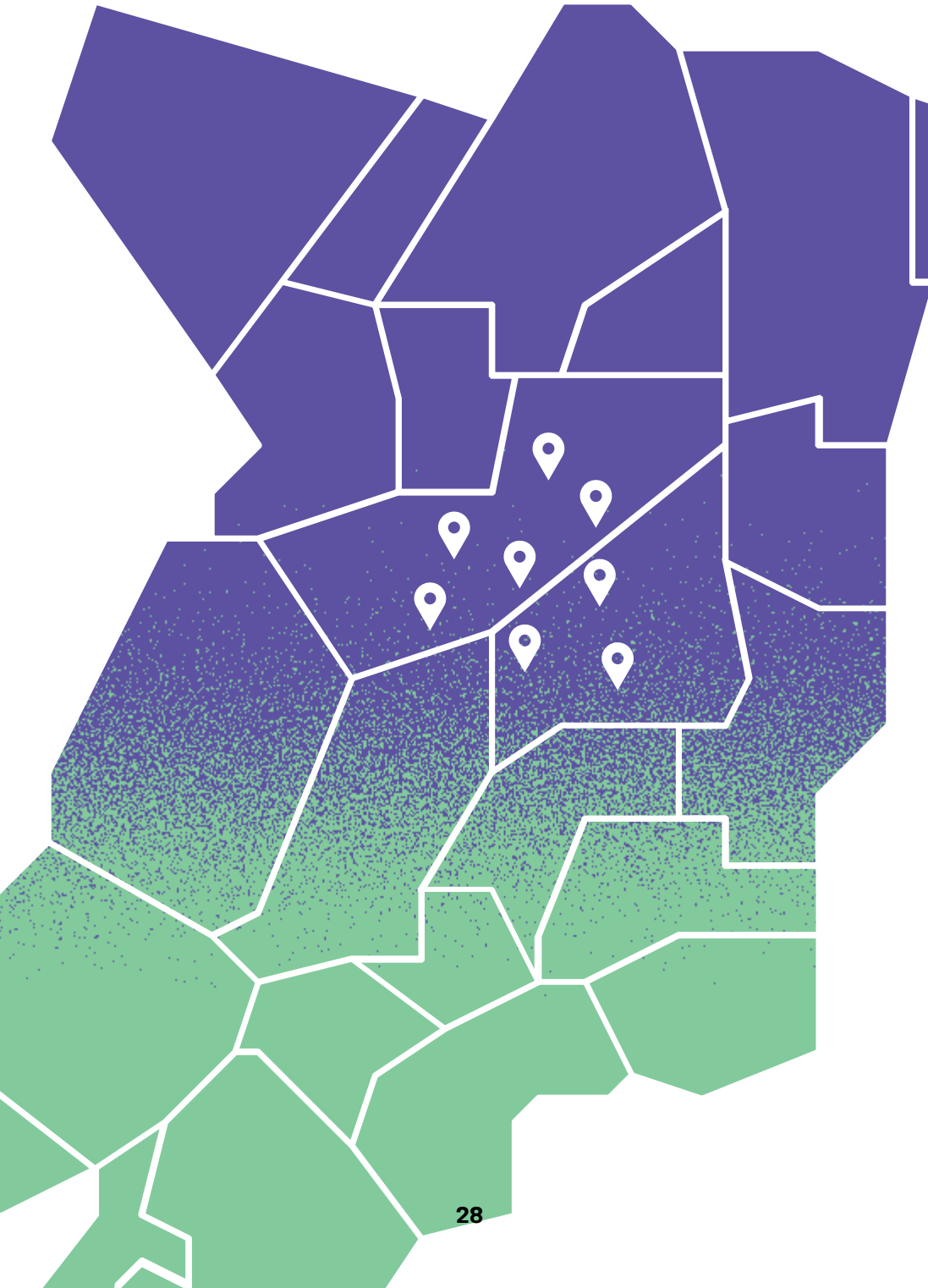
O que dá sabor a estes projetos é termos pessoas diversificadas que nos trazem coisas variadas e nos fazem chegar a muitos lados de forma diferente daquilo que é o tradicional.

Rui Fraguito

Participante no projeto *Vida Real*, desenvolvido pela ondamarela, em Vila Real (2023)



LAMEGO



Concordar em discordar

Em Lamego, Magda Henriques e Samuel Guimarães começaram por definir com o grupo alguns compromissos de convivência. Concordar em discordar era um deles. E ainda: quem apresenta uma proposta, enuncia sobre o que precisa de retorno. Ou não fosse a abertura à escuta e ao contraditório uma das bases dos processos artísticos participativos.

Das propostas que estão a ser trabalhadas neste ATOS, mentores e participantes pensam a possibilidade de se colocarem mais perguntas, e desconstroem juntos conceitos como hegemonia da criação participativa e qual o lugar que cada participante ocupa num projeto. Num ambiente de encontros informal, que contou com a presença de pessoas responsáveis pelo pelouro da cultura do município, este grupo procura encontrar o lugar justo para cada interveniente de um projeto de criação artística participativa.

Para os mentores, a transformação estará na capacidade deste grupo entender o micropotencial do que estão a trabalhar, e de o estarem a fazer em cooperação numa geografia a que estão ligados. Sete ações nascerão deste ATOS, ao mesmo tempo em que modos de trabalho partilhado são desenhados e ligações fortalecidas para o futuro. Tudo sobre um chão comum, feito de múltiplas paisagens.

Texto redigido a partir de entrevista com

Magda Henriques e Samuel Guimarães, mentores do ATOS em Lamego



Lamego e o programa ATOS 2025

Em 2025, Lamego, como o faz desde 2023, junta-se à terceira edição do programa ATOS, uma iniciativa conjunta do Teatro Nacional D. Maria II e da Fundação Calouste Gulbenkian que aposta na cultura como prática de cidadania e ferramenta de desenvolvimento local.

Esta colaboração surge do compromisso partilhado, entre o Município de Lamego e as entidades promotoras, de reforçar o papel da cultura no quotidiano das comunidades, promovendo o acesso, a participação e a criação artística em diálogo com os territórios.

A participação de Lamego no programa ATOS representa mais do que a adesão a uma política cultural nacional. É uma afirmação da vontade do município em envolver os seus agentes culturais, artistas e cidadãos num processo que valoriza a escuta, a criação e a ação coletiva.

Ao acolher o projeto ATOS, Lamego abre espaço à experimentação e à ativação de propostas com raízes locais e ambição transformadora. O programa apoia iniciativas através de bolsas de criação que incluem sessões de formação e mentoria, numa lógica de coprodução que alia financiamento, capacitação e acompanhamento. Para além dos projetos apoiados, haverá também ações abertas ao público, reforçando a ligação entre criadores e comunidade. A curto prazo, o município espera que estas iniciativas tragam novos olhares e dinâmicas à vida cultural local.

Mas o investimento do Município de Lamego nesta parceria vai mais longe: o objetivo é consolidar uma prática cultural mais democrática e descentralizada, onde a cultura seja motor de participação cívica e ferramenta de coesão social.

Ao integrar o ATOS 2025, Lamego afirma-se como território de cultura viva, onde se experimentam novas formas de pensar e fazer juntos. O município inscreve-se, assim, numa rede de diálogo nacional sobre o papel das artes na vida pública.

Fernando Ribeiro

Direção do Teatro Ribeiro Conceição

Gambiarras

LAMEGO

8 nov
sáb, 16h

Largo do Chafariz,
Bairro da Ponte

Gambiarras é uma exposição fotográfica comunitária, construída em diálogo com moradores e ex-moradores do Bairro da Ponte, em Lamego. Através da recolha de fotografias, testemunhos e memórias, o projeto reinscreve o bairro no mapa afetivo e cultural da cidade. A instalação ao ar livre convida a um percurso visual e emocional, onde cada imagem revela um fragmento da história viva do lugar. A inauguração inclui uma projeção noturna de registos audiovisuais que reforçam o olhar coletivo sobre a memória, a pertença e o território.

exposição
e projeção vídeo

ideia e criação
Maria Beatriz Pinto

apoio à criação
Fátima Teixeira,
Maria das Dores Pinto,
Miguel Pinto, Paulo Pinto

apoio
Junta de Freguesia
de Lamego, Arquivo
Fotográfico de Lamego,
Comissão de Festas do
Bairro da Ponte



Casa do Cinema

8 nov
sáb, 19h30

Aldeia de São João

A *Casa do Cinema* propõe um diálogo sensível sobre o cinema, desarmadilhando o discurso de formalismos e colocando-o num contexto familiar e confortável — a casa de cada participante. Num ambiente de partilha entre a população de Lamego e o canivete, realizar-se-á o visionamento de um filme, acompanhado de um diálogo intimista sobre a relação entre os filmes e a vida de quem os vê. A *Casa do Cinema* termina com uma projeção final, criada a partir de registos gravados ao longo do projeto, procurando eliminar a distância entre duas realidades: as pessoas são, simultaneamente, a audiência e o filme.

**sessão de cinema
e conversa**

Mais informações e
inscrições em tndm.pt

ideia, criação,
produção e execução
canivete



Onde a cidade pára, a Natureza cresce

LAMEGO

15 nov
sáb, 10h às 16h

Av. Dr. Alfredo Sousa
(paragem de autocarros
do Multiusos)

Num mundo de betão e ecrãs, estamos a desconectar-nos da Natureza, o que pode resultar em problemas como obesidade, asma, miopia e défice de vitamina D. Esta iniciativa propõe a criação de uma instalação viva numa paragem de autocarros urbana e cinzenta, integrando plantas e flores. Um espaço verde no quotidiano que convida a respirar fundo, a promover o bem-estar e a restabelecer a ligação diária com a natureza. Além disso, esta instalação pretende incentivar a prática de atividades ao ar livre e de equilíbrio entre corpo, mente e ambiente.

instalação

ideia e criação
Iolanda Correia,
com os habitantes
de Lamego

apoio
Apavdouro,
António Maria Luis
Crespi, Projardins



Cidade Sonora

28 nov
sex, 21h30

Residências Artísticas
da Casa do Artista

O que muda na cidade quando a escutamos? *Cidade Sonora* explora a identidade através da memória e a memória através do som. Assente na dicotomia preservação/reconfiguração, o projeto propõe uma abordagem colaborativa à interpretação das paisagens sonoras de Lamego. Através de caminhadas de escuta e captação, oficinas de transformação e experimentação sonora e uma apresentação pública, o projeto convida os participantes a construir um arquivo vivo que valorize a sua relação com o território. Caminhar e escutar enquanto gestos criativos e afetivos.

instalação sonora

ideia, criação, direção,
produção e captação
de som

Daniel Taveira

assistência à criação
Sara Pinheiro

direção, produção e vídeo
Martinho Filipe

design
e identidade visual
Ricardo Barroso



Matéria Incomum

LAMEGO

29 nov
sáb, 16h30

Parque Urbano
(zona do pump track)

Num território marcado pelo envelhecimento e pela retração demográfica, *Matéria Incomum* é uma peça de videoarte que parte de Lamego para explorar tensões entre presença e ausência, entre quem fica e quem parte. Por meio de objetos simbólicos partilhados por jovens, constrói-se um diálogo sobre identidade e futuro. A queda desses objetos em cenários pouco habitados torna-se metáfora da fragilidade entre corpo e espaço. Surge, assim, a pergunta: o espaço público acolhe quem o habita? E o que nos diz isso sobre a cultura que coletivamente construímos?



ideia, criação,
conceptualização e vídeo
João Pedro Fonseca

participantes
Jovens lamecenses



AGRUPA

29 nov
sáb, 20h

Centro Cívico de Lamego

Muitos dos grandes assuntos resolvem-se à mesa. É ao jantar que as famílias se reencontram após o trabalho e a conversa é posta em dia. Este projeto propõe exatamente isso: sentar à mesa a “família” do folclore do concelho de Lamego. Comer, beber e, sobretudo, conversar — sobre o que os une, os separa e o que ainda podem construir juntos. *AGRUPA* é um microprojeto de encontro. Um “espaço/tempo” criado para que associações e grupos locais possam dialogar, partilhar práticas e adquirir ferramentas artísticas e organizativas que fortaleçam a sua atividade.

jantar comunitário
e conversa

ideia e criação
Joana Pinto /
Rancho Regional
de Fafel

1º agrupa
Rancho Regional ACR de
Penude de Baixo, Rancho
Folclórico do Centro
Cultural e Recreativo
de Ferreirim, Rancho
Regional de Fafel

mediação
Carlota Quintão

Entre Peles

LAMEGO

30 nov
dom, 16h

Café Concerto do Teatro
Ribeiro Conceição

Entre Peles é um laboratório de composição musical onde se convoca um gesto simples e transformador: construir um adufe e tocar. Nestes encontros, o espaço é de escuta mútua e partilha afetiva. Mulheres do território lamecense, de nacionalidade portuguesa e com experiência migratória, partilham música afetiva e compõem, na dádiva da participação, uma nova tradição onde todas as vozes têm lugar, onde todos os ritmos se encontram. O adufe, instrumento tradicional feminino coletivo do território da Beira Baixa, é aqui deslocado e ressignificado como linguagem plural e contemporânea, tornando-se veículo de encontro, de interculturalidade e de escuta.

performance e conversa

ideia e criação
Liliana Abreu

fotografia
Meru

sessões individuais com
**Inês, Jasmine, Mila,
Nirmaya, Sofia, Sunita**

website
Ricardo Coelho

apoio à produção
e mediação
Matilde Andrade

apoio e agradecimentos
**Teatro Ribeiro Conceição,
Junta de Freguesia
de Valdigem**



Fórum ATOS

25 out
sáb, 15h

Associação de Municípios
do Douro Sul

Nas sessões exploratórias do ATOS em Lamego (9 e 12 de julho de 2025), foram ouvidas 47 pessoas de diferentes áreas, em encontros dedicados à importância da sociedade na democracia cultural e ao aprofundamento do pensamento colaborativo. Reconheceu-se a urgência de nutrir a curiosidade, a criatividade e a participação, assim como referenciar projetos colaborativos que contribuam para um território mais sustentável e plural, atendendo à sua morfologia extensa e dispersa, propensa ao despovoamento e envelhecimento da população.

No Fórum ATOS de outubro estarão presentes a Ecos Urbanos, que em São João da Madeira desenvolve um intenso trabalho de envolvimento cívico, nomeadamente a dinamização da Bolsa de Voluntariado Jovem, e a Wamãe, do Funchal, cujos projetos aliam antropologia, criação artística e mediação para valorizar diferentes pessoas e grupos e promover o seu inter-conhecimento. Com estas apresentações pretende-se valorizar a criatividade, a diversidade e a colaboração intersetorial, nutrindo o sentido coletivo e a participação da sociedade.

com
**Inês Tecedeiro (Wamãe),
Maria João Leite
(Ecos Urbanos)**

relato
**Membros do Teatro
Amador de Lamego**

curadoria e moderação
Elisabete Paiva

apresentação
**Fernando Ribeiro e
Filipe Marado (Teatro
Ribeiro Conceição), Luís
Sousa Ferreira (Teatro
Nacional D. Maria II),
Narcisa Costa (Fundação
Calouste Gulbenkian)**

Porque sou artista e também faço coisas com a comunidade, gostei de ver como a obra se edificou, ir percebendo, observando, numa perspetiva quase sádica, as preocupações deles (coletivo Guarda Rios).

Diogo Bastos Pinho

Participante do projeto *Observatório dos Rios*, do coletivo Guarda Rios, em Santa Maria da Feira (2023)



FUNCHAL



Todas diferentes, mas livres

É assim que o Colectivo Espaço Invisível descreve as propostas dos microprojetos do ATOS Funchal. No primeiro período de mentoria, à diversidade de conceitos, acrescentou-se a liberdade que só se encontra quando debatemos ideias em conjunto. As primeiras sessões foram divididas entre o diálogo como prática e o pensamento como construção de processos individuais e coletivos. A expectativa é que se crie comunidade entre participantes, territórios e as pessoas que os habitam e definem.

Claro que há desafios. Para os mentores, o primeiro encontro ajuda a orientar as sessões seguintes, abrindo caminho para o tom dos encontros posteriores. E assim tem sido com o grupo do Funchal: inspirar e apoiar sem uniformizar; responder sem deixar de colocar questões; instigar e potenciar o melhor de cada projeto.

No final deste ATOS, a transformação esperada não é a que vem nas folhas de cálculo. Procura-se, sim, uma consciência coletiva que fortaleça e dê continuidade às comunidades e ideias que nelas existem. Se as ferramentas que aqui se partilham forem úteis e inspiradoras para o desenvolvimento dos projetos de cada participante, e se forem também questionadas, apropriadas e modificadas, então esta mentoria cumpriu a sua função.

Texto redigido a partir de entrevista com
Colectivo Espaço Invisível, mentores do ATOS no Funchal



ATOS no Funchal

Estivemos durante muitos anos aprisionados aos conceitos de democratização cultural e de desenvolvimento de públicos nos discursos oficiais, na construção de programas e de políticas culturais, numa altura em que estes termos já não servem o propósito, se é que ele existe, dos projetos culturais. É cada vez mais importante a participação de cada cidadão, algo que esteve durante muitos anos encoberto, desresponsabilizado e despersonalizado na nomenclatura de públicos e num conceito de consumo cultural. Estamos ainda a trabalhar para assumir a cultura exatamente como está descrita na Constituição Portuguesa, como um direito de todos os cidadãos.

O ATOS marca a necessidade urgente de profissionais da cultura e Municípios encararem os cidadãos não como recetáculos da oferta cultural, mas como territórios em potência, no sentido de que os cidadãos devem poder aceder aos modos de produção e serem eles próprios criadores naquilo que é a produção cultural e artística. Por isso, o ATOS tem-nos ajudado a questionar por que fazemos o que fazemos, e de que forma aquilo que estamos a fazer pode aprofundar ou não a democracia cultural no nosso território, olhando para a pertinência das questões relacionadas com a mediação e a participação de cada cidadão na criação artística, na programação cultural e na discussão das políticas públicas de cultura.

É necessário um gesto consciente em direção à “desfestivação” dos territórios, tornando a arte e a cultura ordinárias, valorizando o desenvolvimento das cidades com foco no interesse público e não em números, assumindo a experimentação artística participativa como um processo de aprendizagem com taxas de erro capacitantes.

Ao longo dos últimos três anos, o ATOS tem vindo a enraizar-se no território, seguindo uma linguagem orgânica no seu desenvolvimento, com o projeto *Solos* em 2023, o *Regador* em 2024 e, mais recentemente, com o desenvolvimento e a implementação dos micro-projetos, correspondendo a uma lógica de germinação. Esta nomenclatura é ainda mais interessante quando estamos a abordar a Cultura, que vem do latim *colere*, que significa plantar, cultivar ou criar.

Catarina Faria

Programadora do Teatro Municipal Baltazar Dias

Cartografia Sensorial Urbana

FUNCHAL

20 nov
qui, 18h

local a anunciar

Cartografia Sensorial Urbana convida mulheres a redescobrirem o seu território através de caminhadas exploratórias e exercícios artísticos que despertam um novo olhar sobre o espaço quotidiano, transformando a sua relação funcional com o ambiente em experiência estética. Convertendo o conhecimento vivencial em linguagem visual partilhada, criam-se mapas afetivos que revelam camadas ocultas através de múltiplas perceções sensoriais. O projeto culmina num diário gráfico coletivo, arquivo colaborativo da memória sensorial do território.

diário gráfico

ideia e criação
Marcela Lírio Campo



Poesia da Ilha pelo buraco da agulha

21 nov
sex, 18h

local a anunciar

Este projeto assenta no potencial didático e cultural intrínseco à poesia e à fotografia, para promover o estudo da língua portuguesa entre os expatriados que se encontrem a residir na Madeira. A obra de poetas madeirenses notáveis será o elo facilitador dessa aprendizagem e a conexão com a identidade do povo madeirense. A fotografia complementa o apelo à integração na comunidade local, ao dialogar com os poemas selecionados por via de imagens captadas com câmaras analógicas estenopeicas, construídas pelos participantes a partir de materiais reciclados.

**exposição
e leitura encenada**

ideia, criação e curadoria
da exposição
Marco Gonçalves

encenação, direção
artística e formação
Sandro Nóbrega

formação
**Idalina Milagres
Camacho,
Natércia Xavier**

colaboração técnica
**Carla Gonçalves,
Catarina Melo,
Maria João Ferreira**



Trabalho de Campo #1 Identidade

FUNCHAL

22 nov
sáb, 16h

Largo da Igreja do Monte*

Partindo do trabalho de campo e recorrendo à experimentação, a exercícios criativos e a métodos de observador-participante, este projeto pretende mapear a freguesia do Monte — uma periferia numa periferia. Para construir esta carta geográfica e identitária, serão utilizadas ferramentas visuais, práticas artísticas acessíveis e outras formas de pensamento, em experiências de partilha e de relação horizontal. Os locais contribuirão com os seus testemunhos, assumindo o protagonismo no processo criativo através da reflexão e da partilha sobre o que é, afinal, a identidade do Monte.

exposição e desfile/folia

ideia, criação
e fotografia
Francisca Mata,
Inês Rodrigues,
Thomaz Moreira,
Tobias Freire

design
Inês Rodrigues

colaboração
Fractal

*O desfile/folia inicia-se no Largo da Igreja do Monte.
O percurso segue até ao Largo da Ponte, local da exposição.



College Culture Corner

25 nov
ter, 18h

Colégio dos Jesuítas
do Funchal

O *College Culture Corner (CCC)*, projeto da Académica da Madeira, transforma o antigo Colégio dos Jesuítas num centro de apoio à criação artística jovem, destinado a jovens artistas da Madeira e estudantes de artes, entre os 18 e os 35 anos, com acesso gratuito. Através de formações presenciais ou remotas com profissionais de várias áreas, o CCC oferece competências não artísticas — como produção, procura de financiamento, comunicação e gestão — essenciais para que artistas em início de percurso possam concretizar os seus projetos.

oficina de trabalho

Mais informações
e inscrições em tndm.pt

coordenação
Carlos Diogo Pereira

produção
Vítor Silva,
Vítor Vasconcelos

mentoria
Manuel Gonçalves

apoio técnico
Andreia Fernandes,
Diogo Freitas



MORAL em movimento

FUNCHAL

29 nov
sáb, 16h

Bairro das Romeiras

MORAL em movimento é uma sala itinerante de paredes abertas que leva o pensamento visual a crianças (8-12 anos) do bairro das Romeiras, na ilha da Madeira. Partindo da ideia de “falhar melhor”, de Samuel Beckett, o projeto propõe uma reflexão criativa sobre o erro como processo. Em oficinas participativas, as crianças exploram técnicas como spray, stencil e colagem, criando respostas que transformam o erro em descoberta.

oficinas de trabalho
e exposição

conceito
e coordenação artística
**Tiago Marques
Rodrigues (Timeq)**

mediação
Pedro Campos

montagem estrutura
móvel, fotografia,
vídeo e design
**Tiago Marques
Rodrigues (Timeq)**



GESTO + MADEIRA + PERTENCER

30 nov
dom, 18h

Sede ASPFAM
Santo António

GESTO + MADEIRA + PERTENCER é um projeto que pretende promover o encontro da comunidade surda da Madeira e das suas pontes de comunicação (intérpretes, familiares e amigos) num processo artístico coletivo. Através de práticas de exploração do movimento, procura-se revisitarexpressões e gestos únicos, profundamente ligados à experiência das pessoas surdas da Madeira. O projeto promove o diálogo entre comunidades, criando um espaço de expressão partilhada, onde se reconhecem e celebram as particularidades das pessoas surdas neste território.

**a definir com
a comunidade**

criação e orientação
das sessões
Beatriz Baptista

consultoria artística
e mentoria das ações
José Gregório Rojas

gestão do projeto
e interpretação em LGP
Beatriz Jardim

parceria e apoio
**ASPFAM - Associação de
Surdos, Pais, Familiares
e Amigos da Madeira**

mediação
e consultoria LGP
Alexandra Reis



14 out
ter, 18h

Salão Nobre do Teatro
Municipal Baltazar Dias

Nas sessões exploratórias do ATOS no Funchal (30 de junho e 3 de julho de 2025), foram ouvidas 60 pessoas das mais diversas áreas, em encontros dedicados à importância do papel da sociedade na democracia cultural e ao aprofundamento do pensamento colaborativo. Reconheceu-se a necessidade da escuta, do encontro e da colaboração, para gerar uma rede de trabalho mais articulada, participada e consequente para pessoas e organizações, num contexto onde abundam exemplos de compromisso e criatividade face aos desafios da participação.

Convidar para este Fórum a Dançando com a Diferença, sediada no Funchal há quase 25 anos e uma referência na área da inclusão e da dança contemporânea, e Álvaro Gouveia, com experiência na implementação de sistemas colaborativos e de liderança partilhada na empresa CEI, em São João da Madeira, dá eco à necessidade de criar espaços de encontro, entre pessoas e organizações, que potenciem as possibilidades de colaboração, o estabelecimento de objetivos comuns e o trabalho em rede, inclusive a nível intersetorial, de forma a contribuir para o reconhecimento e a consolidação do ecossistema madeirense/funchalense.

com
Álvaro Gouveia (CEI),
Henrique Amoedo
(Dançando com
a Diferença)

relato
Rodrigo Costa

curadoria e moderação
Elisabete Paiva

apresentação
Catarina Faria e Sandra
Nóbrega (Teatro Municipal
Baltazar Dias), Luís Sousa
Ferreira (Teatro Nacional
D. Maria II), Narcisa Costa
(Fundação Calouste
Gulbenkian)

PONTA DELGADA

A relação da Discos de Platão com o ATOS e o arquipélago dos Açores não começou agora. A estrutura artística faz parte do programa desde a primeira edição, em 2023, sempre com os Açores como território de intervenção. Este ano, durante o seu processo de pesquisa e levantamento da história oral de Ponta Delgada, a escuta levou-os ao Bairro das Laranjeiras. Com o apoio do Teatro Micaelense, nasceu o projeto *O Bairro*, uma partilha entre moradores, artistas e instituições locais, que culminou numa exposição de materiais recolhidos destas interações e numa festa para a comunidade no largo daquele bairro. João Pedro Silva, da Discos de Platão, e Alexandre Pascoal, diretor de produção do Teatro Micaelense à data do desenvolvimento deste projeto, recordam o que ali se passou e refletem sobre o presente e o futuro da cultura em Ponta Delgada.



“Procurámos a criação, a recolha e a reflexão através do arquivo e da memória”

João Pedro Silva, da Discos de Platão, e Alexandre Pascoal, ex-diretor de produção do Teatro Micaelense, recordam o projeto *O Bairro*, desenvolvido no Bairro das Laranjeiras, em Ponta Delgada, no primeiro semestre de 2025.

Que passado é que a Discos de Platão tem com o ATOS e com São Miguel?

João Pedro Silva (Discos de Platão): A Discos de Platão participou no primeiro ano do projeto ATOS (em 2023) e, já nessa altura, o desafio que nos foi apresentado aconteceu em três ilhas do arquipélago dos Açores. Uma dessas ilhas foi São Miguel e, apesar de o projeto ter sido desenvolvido noutra freguesia, curiosamente nessa altura ficámos alojados no bairro das Laranjeiras, onde depois viríamos a desenvolver este projeto.

Como surgiu o projeto *O Bairro*?

João Pedro Silva: Em novembro de 2024, durante a nossa primeira visita a Ponta Delgada para esta segunda fase do projeto ATOS, reunimos com diferentes entidades culturais da região, no sentido de responder à proposta que nos foi endereçada: «capacitar diferentes artistas e coletivos culturais de forma a desbloquear os projetos que estes pretendiam desenvolver com a comunidade». Durante o nosso processo de pesquisa e levantamento da história oral do território, percebemos que faria todo o sentido canalizar os nossos trabalhos para o interior do bairro das Laranjeiras. A dissertação de mestrado do Professor Fernando Diogo, da Universidade dos Açores, e o apoio imediato que encontramos do lado da Junta de Freguesia de S. Pedro, foram elementos catalisadores desta decisão. E assim nasceu o projeto *O Bairro*, que, partindo desta realidade específica, procura a criação, recolha e reflexão através do arquivo e da memória de tantas comunidades que muitas vezes são relegadas à exclusão.

Qual foi o papel do Teatro Micaelense neste processo?

Alexandre Pascoal (Teatro Micaelense): Foi mais um trabalho logístico e de acompanhamento. Infelizmente, ainda não desenvolvemos um trabalho de mediação compatível com o que deveríamos realizar. Por diversas razões, mas sobretudo por razões de ordem orçamental e financeira. Mais do que uma opção, é mesmo por termos uma equipa muito reduzida e um orçamento que não o permite. Embora façamos o melhor possível com os recursos que temos.

Quando surgiu este convite, fizemos tudo para apoiarmos naquilo que fosse possível, porque parece-nos fundamental não perder o vínculo com este tipo de iniciativas. Até porque são, de facto, pouco regulares e, nas que acontecem, tentamos sempre participar em modo parceria, tal como aconteceu aqui ou acontece com o Walk&Talk e o Tremor, para dar dois exemplos mais conhecidos.

Mas voltando ao ATOS, a nossa participação foi nessa perspectiva. Era quase impossível ficar de fora. São projetos importantes, sobretudo para os Açores, que possui este ecossistema muito frágil: a escassez de recursos (inclusive de recursos humanos) e a nossa escala reduzida, continuam a ser desafios ao alargamento dos nossos círculos de público. Trabalhamos muitas vezes para os mesmos e é preciso estender esses círculos de participação.

Com este tipo de atividade, há caminhos que se criam entre novos públicos e a programação do Teatro?

Alexandre Pascoal: Sim, e fazemos isso, sobretudo com alguma programação dirigida ao público escolar, mas há aqui barreiras, muitas vezes, invisíveis no acesso. Por mais que insistamos, há sempre alguém que fica de fora. Por vezes, estes espaços (os teatros) têm uma conotação associada à estratificação social, quase como uma hierarquia no acesso a determinados espaços de cultura. Num meio como o nosso, isto é uma questão muito presente. A intenção é quebrar estas barreiras. O projeto que a Discos de Platão desenvolveu fica aqui num lugar relativamente próximo, mas é uma zona problemática do ponto de vista social, no centro da cidade. As pessoas são tímidas no primeiro contacto, estabelecer uma relação de confiança leva tempo.

São Miguel é uma ilha pequena e, no entanto, uma das nossas maiores dificuldades é os transportes públicos. A não existência de uma rede eficaz limita o acesso de públicos de freguesias e cidades limítrofes. Estamos a falar de pessoas que vêm ao Teatro Micaelense uma, no máximo, duas vezes por ano. Não há um acesso regular.



© Alvaro Miranda, TNDM II

Que impacto tem, para a Discos de Platão, este ATOS em Ponta Delgada?

João Pedro Silva: Na nossa opinião, o projeto já tem um impacto real. Posso dar o exemplo da artista Vanessa, responsável pela Musa Azores, que trabalha de forma sustentável e inclusiva com a bananeira nos Açores, utilizando o seu resíduo para criar peças artesanais e promover experiências relacionadas. Durante este projeto, a Vanessa desbloqueou uma relação que se tornou estreita com a “Casa da Avó”, onde realizou diversas oficinas ao longo de vários meses. Esta dinâmica entre gerações permitiu recolher a história oral destas senhoras que acompanharam, desde o princípio, a transformação do bairro ao longo dos anos — memórias fundamentais para a construção do arquivo e da memória futura desta comunidade. Já terminada esta fase do projeto ATOS, a Vanessa conseguiu outros financiamentos que lhe permitiram dar continuidade ao trabalho que tinha começado a desenvolver junto da “Casa da Avó”. Este é um dos exemplos claros do impacto do ATOS em Ponta Delgada.

Alexandre Pascoal: É importante também lembrar que há aqui um antes e um depois da extensão dos apoios nacionais da DGArtes às regiões autónomas. Os Açores só são abrangidos por este apoio a partir de 2018 e, desde então, tem havido uma intensificação da profissionalização da atividade cultural dos Açores.

Para o Teatro Micaelense e para Ponta Delgada, qual é a força de iniciativas como o ATOS?

Alexandre Pascoal: É difícil fazer essa avaliação com rigor. Julgo que, mesmo para nós, este é um processo que nos tira da nossa zona de conforto, da nossa rotina habitual, e isso é um aspeto positivo para a nossa equipa. Até porque houve uma ação de formação do ATOS e a apresentação do projeto de comunidade. Tudo isto é importante para as equipas e pareceu-nos fundamental sintonizar a nossa ação e pensamento sobre as atividades e este tipo de projetos. Uma coisa curiosa que aconteceu na formação foi percebermos, com a participação de colegas de outros espaços culturais, que estas pessoas não se conheciam entre si. Até nesse aspeto foi importante, porque deveríamos estar todos a trabalhar de forma muito mais articulada no território. Há também um conjunto de associações e grupos que se organizam e que os apoios nacionais têm permitido que cresçam e se desenvolvam, sem a preocupação de gerar receita, como é o nosso caso, o que nos impede por vezes de desenvolver um projeto artístico de raiz.

Naturalmente, o Teatro Micaelense gostaria de ter uma atividade continuada, no fundo, aquilo que o projeto ATOS defende: a continuidade é um aspeto fundamental. E as instituições parceiras podem dar continuidade aos projetos desenvolvidos nos seus territórios. O que eu senti aqui foi mesmo uma oportunidade e uma necessidade. Ficou bem claro para mim o quanto está por fazer. Os muitos que ficam de fora e o quão distantes estamos deles.

Que futuro antecipas para o tecido cultural da região?

João Pedro Silva: O tecido cultural da região necessita de apoio continuado, mas, acima de tudo, necessita de um envolvimento real com a comunidade. Talvez seja esta a única forma — assim como em tantas outras regiões — de se atingir uma perceção coletiva de que a cultura não é só para alguns.



ÉVORA

Em Évora, setembro é o mês de início do laboratório *Entre Nós*, coordenado pela ondamarela. Convidámos a estrutura artística a juntar-se ao *_ARTERIA_LAB*, da Universidade de Évora, parceiro deste projeto, para refletirem sobre práticas artísticas participativas com as mãos no *fazer*. As duas estruturas não se conhecem, tal como não se conhece ainda a lista de participantes deste laboratório, que chegará via convocatória aberta. Por agora, imaginamos o futuro deste projeto e o que pode trazer a uma comunidade artística em preparação para uma Capital Europeia da Cultura.



Entre Nós

Laboratório de experimentação
em práticas artísticas participativas

15 set a 14 dez

Colégio dos Leões



Este laboratório propõe-se como um lugar de escuta, de partilha, de investigação e de experimentação em torno das práticas artísticas participativas e comunitárias. Dirigido a profissionais, amadores, estudantes ou investigadores das práticas artísticas/culturais participativas, assenta na troca horizontal de conhecimentos, metodologias e saberes. Convidam-se os participantes a refletir e a agir em conjunto, explorando novas formas de criação, de pensar artisticamente os territórios e as relações, humanas e mais do que humanas, que neles habitam.

Dirigido a profissionais,
amadores, estudantes
ou investigadores de
práticas artísticas e
culturais participativas.

Mais informações
em tndm.pt

coordenação
ondamarela

parceria
_ARTERIA_LAB
– Universidade de Évora

«Um laboratório que pode ser uma roda, um lugar de partilha de conhecimentos»

Ana Bragança e Ricardo Baptista, da *ondamarela*, conversam com Daniela Salazar, do *_ARTERIA_LAB*, sobre o laboratório *Entre Nós*.

Começamos por perguntar à *ondamarela* o que é este laboratório *Entre Nós*?

Ana Bragança (*ondamarela*): Este laboratório assenta nos mesmos princípios de todo o nosso trabalho, que é esta relação horizontal e também outra coisa de que falamos muito: a ideia da folha em branco. Se noutros contextos (até de outros projetos do ATOS) sabíamos que o objetivo era a criação de uma performance participativa em cocriação, aqui não há um fim em vista. Ainda estamos em desenvolvimento, está tudo em aberto. Sabemos, desde já, que será muito sobre a partilha dos nossos métodos e ferramentas de participação em projetos de comunidade. Sabemos também que seria muito interessante fazer cruzar estes conhecimentos com outras visões, outros temas que não os trabalhados por nós ou pelo grupo. E sabemos que vai ser muito aberto, muito prático. Acreditamos que pode ser uma roda, um lugar de partilha de conhecimentos, nossos e do grupo.

E onde é que o *_ARTERIA_LAB* e o seu trabalho de envolvimento participativo e comunitário em Évora se encaixa neste laboratório?

Daniela Salazar (*_ARTERIA_LAB*): O *_ARTERIA_LAB* é um laboratório transdisciplinar e criativo da Universidade de Évora. Das suas funções e atividades, uma das coisas que mais nos interessa é esta ponte entre a academia e o exterior: a comunidade, a região, o território, as associações, os agentes locais. Temos tentado trabalhar com o exterior em articulação com o conhecimento académico e com a investigação, fazendo sempre essa ponte. Partindo de uma lógica de escuta, de participação, de intervenção no território, nomeadamente nas lógicas urbanas, pensando a cidade, pensando em todas estas questões ecológicas (e quando digo ecológicas não

tem só que ver com a questão ambiental, mas na relação entre todos). E tentamos fazê-lo sempre por intermédio de práticas criativas ou artísticas.

Quando houve a formação do ATOS em Évora, a nossa equipa frequentou-a em massa e estabeleceu-se desde logo uma relação. Assim que percebemos que havia vontade de realizar em Évora uma segunda fase do projeto, mostrámo-nos disponíveis para sermos parceiros da iniciativa.

É a primeira vez que vamos trabalhar com a ondamarela e esse é também um dos nossos objetivos: alargar as parcerias que fazemos com outras estruturas, com metodologias ou abordagens idênticas àquelas com que trabalhamos na ligação com diversas comunidades. Será uma ótima oportunidade para preparar e pensar o território, até para percebermos que Capital Europeia da Cultura (CEC) queremos ser.

Ricardo Baptista (ondamarela): Há uma certa coerência nisto tudo porque a ondamarela vem de uma Capital Europeia da Cultura. Conhecemo-nos na Guimarães 2012, estávamos os dois a trabalhar na iniciativa, a Ana desde 2008 e eu desde 2011. A ondamarela aparece na ressaca do que tínhamos sonhado na CEC. Daí termos deixado em aberto a possibilidade deste laboratório ser aquilo que for necessário ser ou aquilo que o grupo achar que pode ser, não o fechando desde já. Até porque podem interessar as nossas ferramentas de mediação, o trabalho de criação colaborativa, mas também pode interessar alguma da nossa experiência, diria, mais pessoal, que levou à criação da ondamarela, ao que é agora a sua missão, e que vem do pensamento de uma CEC na altura.

Ana Bragança: Se calhar, acrescentava algo que a Daniela falou sobre o _ARTERIA_LAB e que também é uma característica nossa: a disponibilidade para a escuta e para a auscultação. Que este seja um momento em que possamos ajudar a refletir em conjunto. E que este laboratório, por ser assim continuado, possa gerar novas oportunidades de trabalho em rede, trabalho em colaboração, algo identificado como uma ausência em muitas cidades que já foram Capitais Europeias da Cultura ou cidades candidatas.

Conseguem antecipar o perfil dos inscritos e as suas expectativas?

Daniela Salazar: Acredito que sejam muitas das estruturas e das pessoas que já fizeram parte da primeira fase de formação do programa ATOS. Ficou no grupo uma grande vontade de dar continuidade a este trabalho, ao contacto com outros agentes da região, pensar projetos em comum, partilhar dificuldades e desafios. Esse será um dos grupos que acho que vai querer participar.

Eventualmente, poderá também chegar a outras estruturas que na altura não tiveram oportunidade de participar. Imagino que estruturas associativas de ligação com o território, e não necessariamente associadas a práticas artísticas, também possam inscrever-se. Espero que seja o mais disperso possível pela região, ou seja, que não fique só focado nas estruturas que já estão sediadas em Évora e que traga pessoas, pelo menos, do distrito.

Ana Bragança: O nosso desejo é que se consiga formar um grupo o mais diverso possível. Claro que o principal critério é querer estar, ter o desejo de estar nesta caminhada connosco. Se, para além disso, conseguirmos um grupo diverso em termos de idades, experiências, *backgrounds*, mas também nas áreas de intervenção, achamos que este encontro se tornará mais rico.

Ricardo Baptista: Aquela velha máxima de pôr no palco pessoas que não estariam juntas no palco se não fosse pelo projeto.

Na vossa opinião, no final deste laboratório, o que é que seria um processo bem-sucedido?

Ricardo Baptista: Para nós, seria termos conseguido criar um projeto com que o grupo se identifique, e não um projeto da ondamarela, uma coisa que já trazíamos de casa. Que esse projeto deixe um legado de trabalho em rede, de reflexão e de conhecimento, de abertura de janelas e de portas comunicantes. Ainda não sabemos, mas, por vezes, nestes processos é importante definir um *output*. Um objeto que é um resultado dessa reflexão. Pode ser um *output* artístico ou performativo, mas também pode ser um objeto de mediação, um manual de boas práticas, uma agenda, enfim... Não fazemos ideia, mas seria incrível se se conseguisse, por um lado, abrir essas portas, essas janelas, e criar aquilo que a Daniela disse que ficou da última formação do ATOS: essa dinâmica de um grupo de pessoas que, entretanto, se conhece e que partilha a vontade de pensar nestes assuntos e de fazer coisas em conjunto. Para nós, o processo é muito importante, mas um resultado (que até pode ser só simbólico) também é muito importante. É o que devolvemos a todos, ao grupo, depois de um trabalho que se quer sério.



Daniela Salazar: Acho que esta dimensão do coletivo é muito importante. É importante sentirmos que o coletivo é possível. Muitas vezes, nas nossas vidas e profissões, sentimo-nos muito desconectados e com uma ausência de tempo, de disponibilidade para o coletivo. Este laboratório pode ser muito importante nesse sentido. Percebermos que existe e que é possível um coletivo. E acho que pode ser muito importante também a nível de legado: alimentar, deixar esta semente da possibilidade de existir uma comunidade que se forma em torno das práticas artísticas, participativas e de mediação cultural. Que podemos formar, de facto, uma rede de colaboração na região. Que é possível fazermos coisas em conjunto, que estamos a atravessar desafios comuns, e que, se calhar, em coletivo conseguimos encontrar respostas mais eficazes e mais inclusivas.

LISBOA

Após ter sido desenvolvida em Évora, Lamego, Loulé e São João da Madeira, a formação *Criação de Projetos Artísticos Participativos* apresenta-se em Lisboa, de outubro a dezembro, na Fundação Calouste Gulbenkian e na Tobis Portuguesa. Um programa de média duração, dirigido a artistas, mediadores e estudantes que pretendem especializar-se na criação e implementação de processos participativos. Nesta formação de 60 horas, dividida em 10 módulos, pretende-se: capacitar indivíduos e comunidades na utilização de métodos e ferramentas artísticas, organizativas e colaborativas; produzir conhecimento sobre as práticas culturais e artísticas de participação; potenciar a participação cívica e artística das comunidades; promover políticas culturais sustentáveis.



PRÁTICAS COLETIVAS DE INQUIETUDE e TRANSFORMAÇÃO

Formação Criação de Projetos Artísticos Participativos

13 out a 16 dez
10h às 17h30

Fundação Calouste Gulbenkian e Tobis Portuguesa

MÓDULOS

1 – Arte Participativa e Democracia Cultural

formadora Magda Henriques

13 out

Fundação Calouste Gulbenkian

2 – Conceção e desenho de projetos artísticos participativos

formadoras Joana Meneses Fernandes e Marta Silva

20 e 27 out

Fundação Calouste Gulbenkian

3 – Laboratório de Projetos

formadora Lara Soares

20 e 27 out

Fundação Calouste Gulbenkian

4 – Monitorização e Avaliação

formadoras Carlota Quintão e Patrícia Silva Santos

3 nov

Tobis Portuguesa

5 – Processos Criativos I

formador Pele

10 nov

Tobis Portuguesa

6 – Mediação e Parcerias

formadores João Rosa (parcerias) e Sofia Botelho (mediação)

17 nov

Fundação Calouste Gulbenkian

7 – Produção e Comunicação

formadoras Carolina Lapa (comunicação) e Cláudia Hortêncio (produção)

24 nov

Fundação Calouste Gulbenkian

8 – Metodologias Participativas

formadores Coletivo Espaço Invisível e ondamarela

2 dez

Fundação Calouste Gulbenkian

9 – Processos Criativos II

formador Gira Sol Azul

9 dez

Tobis Portuguesa

10 – Laboratório de Projetos II

formador Hugo Cruz

16 dez

Tobis Portuguesa

Dirigida a artistas, mediadores e estudantes com experiência prévia em projetos artísticos participativos

horas de formação: 60h

número de sessões: 10

Mais informações em tndm.pt

PARCEIROS TNDM II



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

Mecenas



BPI



Fundação 'la Caixa'

Parceiro

grupo
ageas®
portugal

ATOS



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Parceiro de Inovação



Projetos Infantojuvenis



Formação para Artistas



Programa Valorizar



Parceiros



Parceiros de Programação



Redes de Artes Performativas



TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Conselho de Administração

Rui Catarino,
Sofia Campos,
Susana Melo

Direção Artística

Pedro Penim
Adjunto da Direção Artística
Luís Sousa Ferreira

Assessoria da Direção
Artística
Sandra Azevedo

Elenco Residente
João Grosso,
José Neves

Apoio à Direção

Secretariado
Marina Almeida Ricardo

Motorista
Filipe Guerreiro

Direção Administrativa e Financeira

Salomé Jesus
Adjunto da Direção
e Controlo de Gestão
Diogo Pinto

Contratação Pública
Rute Presado (coord.)

Contabilidade
Alda Batista,
Carolina Lemos,
Sophie Tomás

Tesouraria e Compras
Eulália Ribeiro,
Sofia Ventura

Recursos Humanos
Lélia Calado,
Luísa Araújo,
Madalena Domingues

Direção de Cena

Anaísa Guerreiro
Diretoras/es de Cena
Carlos Freitas (coord.),
Andreia Mayer,
Catarina Mendes,
Isabel Inácio,
Pedro Leite,
Soraia Gonçalves

Guarda-roupa
Aldina Jesus (coord.),
Ana Martins,
João Pinto,
Sílvia Galinha

Auxiliares de Camarim
Carla Rodrigues,
Paula Miranda

Adereços
Nuno Costa

Direção de Comunicação
e Marketing
João Pedro Amaral

Imprensa e Coordenação
da Direção
Élia Teixeira

Digital
Débora Grave,
Joana Bonifácio

Edição de Conteúdos
Diogo Seno

Produção de Comunicação
Catarina Freire

Assistente da Direção
Paula Martins

Direção de Documentação
e Património
Cristina Faria

Edições e Produção Executiva
Patrícia Romão

Biblioteca | Arquivo
Catarina Pereira,
Vera Azevedo

Livraria
Maria Sousa,
Ricardo Cabaça

Acervo
Rita Carpinha

Direção de Manutenção
Susana Dias

Coordenação da Direção
Albertina Patrício

Manutenção Geral
Raul Rebelo (coord.),
Eduardo Chumbinho,
Tiago Trindade

Sistemas de Informação
Carlos Dias (coord.),
Nuno Viana

Limpeza
Ana Paula Costa,
Luzia Mesquita

Direção de Produção
Carla Ruiz

Adjunto da Direção
Pedro Pires

Produção Executiva
Bruna Antonelli,
João Lemos,
Paula Fernandes,
Pedro Pestana,
Rita Forjaz,
Sara Caeiro

Coordenação
de Projetos Internacionais
Eva Nunes

Direção de Relações Externas
e Frente de Casa
Ana Ascensão

Parcerias, Desenvolvimento
e Fundraising
Joana Grande,
Soraia Salvador

Mediação e Projetos
de Continuidade
Carolina Villaverde Rosado,
Daniela Matos,
Léa Prisca López,
Maria João Santos,
Mariana Gomes,
Teresa Flório

Avaliação e Monitorização
Patrícia Silva Santos

Bilheteira
Rui Jorge (coord.),
Carla Cerejo,
Sandra Madeira

Direção Técnica
Rui Simão

Adjunto da Direção
Daniel Varela

Maquinaria e Mecânica de Cena
Frederico Godinho
Jorge Aguiar,
Ricdomar Costa,
Marco Ribeiro,
Miguel Carreto,
Paulo Brito

Iluminação
Feliciano Branco (coord.),
Cláudio Marto,
Filipe Quaresma,
Gonçalo Morais,
Luís Lopes,
Pedro Alves

Som/Audiovisual
João Pratas (coord.),
André Dinis Carrilho,
João Francisco Silva,
João Neves,
Margarida Pinto,
Rui Dâmaso

Assistente das Direções
Técnica e de Cena
Sara Villas

Motorista
Carlos Luís

Fiscal Único
**Amável Calhau &
Associados,**
SROC, Lda.

**FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN**

Conselho de Administração

Presidente

António M. Feijó

Administradores executivos

**António Cruz Serra,
Cristina Casalinho,
Guilherme D'Oliveira Martins**

Administradores

não executivos

**Graça Andersen Guimarães,
Isabel Capeloa Gil,
Jorge Vasconcelos,
Pedro Norton**

Programa Equidade
e Sustentabilidade

Diretor

Luís Jerónimo

Gestores de Projeto

**Anabela Salgueiro,
Bruno Macedo,
Cátia Cavaco,
Hugo de Seabra,
Inês Henriques,
Leonor Pina,
Narcisa Costa,
Pedro Cunha,
Rosário Palha,
Sara Pais,
Sofia Barbeiro**

Divulgação

Patrícia Fernandes

Coordenação

do Programa ATOS

Narcisa Costa

Comunicação

**Elisabete Caramelo,
Luís Proença,
Sara Ramos**

Marketing

**Nuno Prego,
Susana Prudêncio,
Ana Lopes,
Pedro Relvas**

Identidade visual
e design gráfico

barbara says...

Fontes Digitais

**Knickerbocker, 26A1
Messina Sans, Luzi Type
Ramboia, R-Typography**

Proprietário

Teatro Nacional D. Maria II

Edição

Carolina Lapa

Tiragem

2300 exemplares

O grupo era constituído por pessoas de diferentes proveniências, profissões, idades. Havia inclusive elementos autárquicos e eu achei isto curioso, interessante e inteligente.

Mininha Quintela

Participante de *Assembleia*, projeto desenvolvido pela companhia Amarelo Silvestre, em Lamego (2023)



FUNCHAL

LOULÉ

**SÃO JOÃO
DA MADEIRA**

LAMEGO

**PONTA
DELGADA**

ÉVORA

LISBOA

D.M^{II}
TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN